

Suzo Bianco



Jaílton O Coveiro Covarde

Um conto de Suzo Bianco

Jaílton

O Coveiro Covarde

São Paulo – SP - 4/8/2011

Esta obra não pode ser reproduzida, nem comercializada sem a autorização direta e explícita de Suzo Bianco Evangelista vide a lei que protege os direitos intelectuais e artísticos do autor. Para contato com o autor desta obra: suzobianco@hotmail.com

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: Edson Evangelista e-mail: evangelistaartista@yahoo.com.br

Jailton O Coveiro Covarde

1.

O velho terno preto que seu pai lhe doara antes de partir para o além não lhe caía tão bem, mas servia para a ocasião. Afinal de contas, não era uma reunião de negócios numa empresa executiva na Avenida Paulista ou algo do tipo. Quem dera o fosse... Pois mesmo sabendo ser um incompetente em negociatas confusas e de honestidade questionável adoraria ter um daqueles empregos bem remunerados. Era o que imaginava... Sonhos.

E foram estes sonhos desconexos e insensatos que o acomodaram ao passar dos anos. Não queria perder toda sua juventude em livros de estudos e faculdades chatas. Embora, se soubesse, teria feito uma forcinha.

Mas, afinal de contas, quem ele estava querendo enganar? Não teria chance nenhuma. Aqueles cargos de executivo eram para o clero capitalista e para pessoas bem afortunadas. Era o que pensava... As faculdades eram caríssimas para serem cursadas por um filho de pedreiro nordestino recém chegado ao Sudeste.

Era negro, pobre e feio... Feio. Quanto a isso não tinha muita certeza. Como dizia seu pai antes de morrer? 'Pra cada panela há uma tampa!' Isso. Era isso mesmo. Ele acreditava neste ditado... Uma pessoa sem dinheiro e sem amigos importantes contava apenas com seus sonhos. Não deveria ter vergonha de sonhar. Nunca.

Os sonhos eram seu combustível, a sua esperança. Não só a dele, mas a de muitos como ele que não tinham a vida e o destino como um aliado respeitável neste quesito.

Agora ele ali, caminhando calmamente e falsamente arrumado como um 'Doutor', mas pensava na amarga realidade. Não que tivesse medo do lugar ou pavor pelo que iria começar fazer, mas a gente nunca imagina um dia trabalhar num cemitério. Um jardim cinzento e verde repleto de andarilhos esquisitos.

A vida nos prega cada peça. Fazer o que?

Jailton esfregava as mãos e os dedos enquanto seguia seu caminho pela calçada suja de terra na pequena Santa Cruz, uma cidade humilde e bem cuidada no sul do estado de São Paulo. Estava preocupado em não sujar a calça limpa e bem passada que usava, e muito menos seus sapatos recém engraxados, por ele mesmo, frente ao albergue que morava de uns meses para cá.

Uma pousada na verdade...

A Pousada de Santa Maria de Deus.

Dona Joana, Jô, para os mais chegados, era a dona do estabelecimento. Dona Jô além de proprietária, era a gerente, zeladora, mestre-cozinha e agiota. Simplesmente uma empresária de pequeno porte da cidade. Uma senhora de olhos azuis e cabelos brancos sempre curtos e limpos, baixinha e gorda como uma típica *nona*.

E para a sorte de Jaílton, ela também era simpática e muito compreensível. Caso não fosse, ele estaria enrascado. Desde que chegou à pousada de Santa Maria, o rapaz de 32 anos pagara somente dois meses e já estava devendo cinco. Não conseguia juntar dinheiro para pagar as mensalidades do quarto em que ocupava. Ocupar seria a palavra mais adequada no seu caso, pois seu canto se resumia numa cama, que já estava lá, numa escrivaninha, que também já estava e um micro armário com um cheiro de naftalina quase insuportável que fora a primeira coisa que adotara. Mas os móveis velhos eram de madeira vermelha e resistente, pelo menos. Baratos, mas nenhum fora comprado por ele... O que era de propriedade de Jaílton ali não tinha muito valor real. Um micro aparelho de TV preto e branco, algumas peças de roupa, uma escova de dente pouco usada, mas bastante tempo não reciclada, uma escova de pentear, um sabonete velho e já trincado que era mais usado como abrigo pelos pentelhos rebeldes do que pelo dono, um maço amassado de cigarros vagabundo, uma caixa de fósforos com sete palitos, um pacote de biscoito de maizena já consumido pela metade e uma sacola de plástico para carregar suas 'riquezas' por onde necessitasse. E necessitaria em breve se as coisas continuassem indo como estavam.

Se não fosse a simpática dona Jô...

Estava desempregado por um bom tempo, vivendo de bicos e biscates mal remunerados. Era o suficiente apenas para comprar seus cigarros e cachaças. Vícios malditos... Mas era o que o ajudava a segurar as pontas. Não se matava de beber, era só pra acalmar os nervos, como ele mesmo dizia aos conhecidos e vizinhos da pousada. O vício mesmo era o tosco tabaco.

Dona Jô tinha um bom empreendimento ali. Só não ficava rica porque, de fato, não queria. Não era materialista, amava Jesus e só. Era o bastante para ela, uma mulher velha, com seus 53 anos duros, mas saudáveis. Era feliz à sua maneira e se contentava com pouco, não que isso a fizesse se acomodar numa rede e dormir o dia inteiro, pelo contrário. Sentia-se viva e desperta para o mundo cuidando da pousada, com muito sacrifício erguida e fundada. E mais ainda mantida com muito amor e atenção, até hoje. O lugar não era um hotel cinco estrelas, porém confortável.

Uma casa térrea e comprida. Localizada numa paralela da rua principal de Santa Cruz.

A rua era de paralelepípedos e subia para o norte.

Sua pousada era referência. A entrada, enfeitada por uma modesta e bem cuidada tabuleta sobre o jardim, convidava o turista a ter noites agradáveis e calmas. Os quartos – concentrados num comprido corredor de lajotas cor de vinho - eram pequenos, mas limpos. Havia apenas dois banheiros para os veranistas, bem no final do corredor ao lado da porta que ligava a cozinha. Era o bastante para se manter. O custo de vida em Santa Cruz não era exorbitante.

Uma sala grande, equipada de sofás com armações de palha tratada e pantufas caseiras era bem arejada por janelas grandes que se mantinham o máximo de tempo possível abertas. Geralmente era onde os turistas e moradores gostavam de passar a tarde conversando.

Jaílton adorava a pousada. Porque se sentia num palácio. Não tinha planos de ir embora tão cedo, mesmo que a necessidade exigisse isso.

Estava acostumado com muito menos que aquilo de onde veio. Nativo de uma região miserável, no sertão da Bahia, conhecia bem a ausência de conforto. Morou numa casinha de sapé e teto de barro.

Passou fome...

Passou sede...

Tempos ruins de verdade. Coisa que o mais pobre morador de cidade grande nem se quer imaginava ser possível. Pois é... E havia gente que o perguntava se não queria coisa melhor na cidade.

A resposta era sempre a mesma: Claro!

Por mais que Jaílton tivesse uma origem humilde e miserável não significava que se contentava com pouco e fosse um completo ignorante. Vivia chorando as mágoas pelos cantos, quando se via sozinho, sonhando por uma vida melhor. Um dia conversou com Dona Jô sobre o assunto... Ela lhe deu bons conselhos.

Foi quando soube do cemitério.

- Olha Jaílton. Você é jovem e forte. Pode trabalhar na cidade grande e ganhar dinheiro como quer. Não acho que tenha motivos para se lamentar tanto assim...

- Mas nunca vou ficar rico... – Estavam reunidos na cozinha naquela ocasião para se esconderem do frio noturno.

- E pra quê você quer ficar rico homem de Deus? Saúde e felicidade já não são o bastante? Deveria se dar por satisfeito por Jesus lhe dar braços resistentes e uma boa cabeça...

- A senhora pode ter razão. – Sentou-se numa cadeirinha numa das mesas postas para o almoço das cozinheiras. Ela preparava um cafezinho. – Mas estou lhe devendo cinco meses e não sei como vou te pagar isso...

- Você vai me pagar uma hora, não vai? – Jô disse isso, mas não acreditava que fosse possível tão cedo.

- Vou sim. Claro... Mas quando? Não gosto de dever ninguém dona Jô... Não mesmo. Meu pai, quando me trouxe da Bahia, me ensinou muita coisa e pôde me sustentar o suficiente pra eu terminar a escola... E uma das coisas que nunca vi meu pai fazer foi dever alguém. Era pobre como eu, mas honesto e direito. Não quero envergonhá-lo... – Suspirou. – Mas estou. Isso me deixa triste às vezes... Tenho que arranjar um emprego. E logo.

- Você vai arranjar um bom emprego Jaílton, *e logo*, Jesus vai te ajudar. – Ela também sentou à mesa com a garrafa térmica na mão. – Sou velha e mesmo assim ainda não desisti de minha vida. Trabalho praticamente sozinha aqui e mesmo assim não desisto. Nunca. É difícil. Mesmo com ajuda das meninas e do senhor José, tenho que reunir forças todos os dias para não desanimar. Tenho fé que você ainda vai encontrar o que merece...

- Deus te ouça dona Jô. Deus te ouça. Já estou quase desistindo. Se não fosse a senhora entender minha situação, não sei o que faria... Já pensei em ir embora para São Paulo, mas tenho medo.

- Jaílton... – Ela pegou a garrafa de café quente e derramou a bebida fervendo na xícara que separara minutos antes. Depois de encher empurrou para seu amigo e inquilino. Após sorver um pouco do café de sua própria xícara prosseguiu. – Não tenho certeza absoluta, mas acho que sei um lugar que precisam de alguém para trabalhar de zelador...

- Mesmo? – Nem tocou no café. Mais por distração do que por desfeita. – Onde?

- Antes preciso ter certeza de duas coisas... Se a vaga não é só um boato e se você realmente está disposto a trabalhar. Por favor, não se ofenda, mas é que não posso indicar alguém que não vá ficar muito tempo no cargo...

- Que isso dona Jô! – Finalmente tomou um gole do café quente, queimando a língua. – Claro que estou interessado em trabalhar. Onde é que seja... Não vou pra lugar nenhum, se aqui tiver lugar para trabalhar... Claro que não. Vou ficar. Gosto daqui...

- Desculpe-me, mas foi justamente o que eu não queria que pensasse. – Ela sorriu um pouco constrangida. – É que geralmente as pessoas não gostam destes lugares... Uma besteira, mas eu tinha que ter certeza.

- Como assim...? É uma vaga de zelador num p...

- Não. Não... – Riu ela. – Nada disso Jaílton. Não é nestes lugares não. Sei que você é um homem direito e por certo eu não lhe indicaria pra um lugar destes.

- Então? Onde é?

- Num cemitério. – Ela parou e deixou que seu amigo absorvesse melhor a ideia. – No Cemitério Joaquim aqui perto. Sabe onde fica?

- Cemitério? – Estava pasmo. – Puxa - Tinha medo de cemitério... E agora, o que faria? – Cemitério?

- Jaílton? – Jô notou sua surpresa. – Sabe onde fica?

- Sei sim... Sei sim dona Jô. – Parou quieto por um instante. Pareceu pensar. Deu mais um lento gole no seu café preto. – É dentro ou fora?

- Como assim ‘dentro ou fora’? – Dona Joana quase riu.

- Do cemitério. – Se controlou. Não queria que dona Jô percebesse que tinha receios de cemitérios. ‘Receio’ sim, porque homem que é homem não tem medo. Tem receio. – A vaga é pra cuidar dele dentro ou fora?

Dona Joana não conseguiu segurar desta vez. Gargalhou. O homem estava com medo. Deus do céu, um marmanjo com medo de cemitério era hilário demais.

- Você está brincando comigo não é mesmo Jaílton? – Provocou ela, ainda dando risinhos descontrolados. – Não pode estar falando sério. É claro que é dentro. Como se pode cuidar de um lugar pelo lado de fora homem de Deus? – E voltou a rir. A cena de Jaílton andando rente ao muro branco do cemitério do lado de fora, fazendo cara de mal, era engraçadíssima.

- Ué! Só achei! – Foi o que conseguiu dizer. As risadas nada contidas da dona da pousada lhe deixaram constrangido.

- Não Jaílton. – Tentava parar de rir. – A vaga é pra zelador ‘interno’ do cemitério... – Parou de vez com as risadas. Encarou o homem e tentou ser o mais séria possível. – Você tem medo de cemitérios Jaílton?

Pensou em mentir. Mas não ia lhe adiantar nada, mais cedo ou mais tarde ela saberia.

- Um pouco sim...

- Pára com isso meu rapaz. – Riu. – Um homem deste tamanho com medo do que já se foi? Você tem que ter medo dos que ainda estão. Estes sim podem lhe fazer algum mal de verdade. No cemitério você só vai encontrar silêncio e muita folha de árvore para varrer.

- Tem razão... Mas mesmo assim tenho meus receios...

- Pára com isso! A vaga está lá, creio eu, e é um ótimo emprego. Principalmente para você Jaílton. Está desempregado e sem dinheiro. Com o salário de coveiro...

- Coveiro? Não era zelador?

- Coveiro... Zelador... Como preferir. O que quero dizer que o salário não é ruim e vai dar pra você pagar suas dívidas no começo e manter-se 'bem' morando nesta cidade. Além disso, você terá a opção de morar lá.

- Como é? Morar no cemitério? Nem morto... Trabalhar num lugar destes até vai, mas morar lá. Nem morto!

- Bem que morto você não terá escolha não é meso? – Riu.

- Tem razão. Tem razão! – Riu junto. – Mas não sei se vou me acostumar com a coisa. De qualquer forma... Qual seria o horário?

- Do que?

- Do serviço. Eu ficaria no cemitério de que horas a que horas?

- A sim... – Pensou. – Não sei Jaílton. Isso será o empregador que irá lhe dizer...

- Certo. – Pensou cabisbaixo. Queria escapar daquela situação. Tinha que trabalhar... Mas num cemitério? Caramba. Não tinha escolha, teria que aceitar. Dona Jô já lhe fizera o favor de lhe dizer a respeito do emprego, que tipo de homem seria ele se negasse? Pelo menos iria ver do que se tratava em *detalhes*. – E quando posso ir até lá ver a vaga?

- Amanhã te digo. Vou falar com o senhor José, foi ele que me falou da vaga. – Ela só não *disse o jeito* que lhe foi passada a informação.

O Senhor José era um velhinho que ajudava Joana a cuidar da pousada. Concertava vazamentos, tratava do jardim e outras coisas. Ele comentou rindo sobre a vaga: 'Quem iria querer trabalhar naquele cemitério dona Joana?' E ria muito...

- Quando eu souber dos detalhes, vou te procurar e avisar quando poderá ir... Está bem assim?

- Está sim dona Jô. E obrigado pelo favor... – Tomou o último gole de sua xícara e se levantou. – Agradeço mesmo. De coração. Como eu já disse... Se não fosse a senhora...

- Seria outra pessoa! – Comentou também se levantando. – Você é uma boa pessoa Jaílton. Sempre terá alguém pronto a lhe estender as mãos e te ajudar. Confie em Jesus, que todos que estão por ele, terão uma boa recompensa no final...

- Amém dona Jô. A senhora que é realmente uma boa pessoa. Ajudando um perdido como eu que lhe deve dinheiro... Ainda vou lhe recompensar por tudo que está fazendo por mim.

- Se quer mesmo me recompensar Jaílton, faça por si mesmo. Se cuide e já me fará um grande favor e me deixará muito contente. Gosto de ver meus amigos bem, isso que importa.

- Obrigado mais uma vez. – Jaílton se despediu sorridente. Ainda tinha receios... No fundo estava torcendo para que a vaga no cemitério já estivesse preenchida. Não lhe agradava a ideia de ser coveiro. – E boa noite.

- Boa noite Jailton!

Dona Jô se retirou para seu quarto depois de lavar as xícaras.

2.

Ele bem que quis desistir, mas no dia seguinte, Joana lhe informou das boas novas. A vaga realmente existia e estava à espera dele.

Droga!

E ali estava ele todo emperiquitado e cheio de receios.

Fazia um calor desgraçado que o fazia suar muito. O terno já fedia a suor e poeira quando chegou ao Cemitério Joaquim. Quem havia inventado o terno devia tomar uns tapões... Aquilo era desconfortável – não lhe passou pela cabeça que geralmente aquela vestimenta era feita por encomenda – e no calor esquentava quando no frio esfriava. Uma besteira de roupa. Só a tinha vestido porque sabia bem que entrevistas de emprego deviam ser feitas daquele jeito.

Droga! Coveiro?

Diante da porta de ferro gradeada, que estava trancada a cadeados, parou e espiou para dentro. O lugar até que era bonito. O terreno era inclinado e repleto de árvores robustas e criptas cinzentas. Algumas - as dos mais pobres - eram simples e pintadas de cal, mas não estragavam a beleza bucólica do jardim. Havia um caminho cimentado que levava da entrada à casa do zelador nos fundos, do lado de uma improvisada capela branca e outras trilhas que seguiam entre os túmulos. Bem encostado ao muro, tanto na parte de dentro quanto na de fora, saliências largas na horizontal eram usadas para serem depositadas velas e santos, geralmente de gesso, dos visitantes que ali passavam.

Algumas das velas ainda estavam acesas, como bem notou Jailton.

Segurando as grades do portão, e com o rosto apoiado entre elas como se quisesse atravessá-las, pensou se iria mesmo entrar ou não quando foi surpreendido por um latido estridente.

Graças ao susto, escapou de uma dolorosa mordida do vira-lata preto e branco que latia rente ao portão do lado de dentro.

Maldito cão!

Droga! Coveiro? Cachorros?

O miserável cão era ridiculamente pequeno, mas parecia bravo como uma jaguatirica.

Quem seria seu dono?

- Pois não? – Perguntou um homem mal encarado e barbudo vestindo trapos pouco apresentáveis. Dirigia-se a ele logo atrás do cachorro escandaloso e caminhava preguiçosamente. Tinha um sotaque caipira carregado e aparentava uns cinquenta anos de idade mal vividos. – Em que posso ajudá-lo? – O cachorro calou-se.

-Oi! – Se recompôs Jailton. – Estou aqui para uma entrevista de emprego...

- Ah, sei... – O homem o olhou de cima a baixo e deu de ombros. – Sobre a vaga de coveiro?!

- Isso mesmo... – Sorriu enquanto o recém chegado destrancava o portão com uma enorme chave pesada meio a um malho repleto de outras. Suas mãos eram sujas e sua blusa azul, estava quase cinza.

– Quando o vi, achei que era um ‘adervogado’ ou um agente funerário. – Escancarou as grades enquanto o cão farejava algo interessante nas calças de Jailton. – Venha, pode entrar!

- Ele não morde? – Perguntou olhando assustado pro enxerido canino.

- Claro que morde! – Riu o homem. – É um cachorro, se não servir nem pra morder eu o jogaria fora! Mas pode ficar tranquilo que ele só morde gente ruim! Você não é ruim, é?

- Não! – Se acalmou. – Claro que não.

- Então me acompanhe, por favor, vou te levar até o ‘escritório’! – Riu e coçou a cabeça quando falou a última palavra. – O senhor está muito ‘chic’ vestido deste jeito, não precisava, ainda mais nesta lua danada que está fazendo!

Lua... Era um sol. SOL! Que mania besta deste povo de comparar aquele sol escaldante com a lua... Nunca viu semelhanças.

- É que é bom se vestir bem para uma entrevista, sabe como é, né?

- Não sei não! – Já se encaminhavam para a casinha branca. – Mas se você está dizendo, deve ser!

Cara chato. Tomara que não seja seu companheiro de trabalho. O homem entendia tudo ao pé da letra e não achava graça em nada além do que ele mesmo ‘profanava’.

- Posso te fazer uma pergunta? – Arriscou Jailton enquanto examinava melhor os arredores. – Quem é o senhor? O zelador atual?

- Sou sim senhor! Atual e definitivo!

Como é que é? Pensou sobressaltado Jailton deixando escapar um ‘uh?’.

- Por que?

- Porque achei que a vaga fosse justamente para zelador do cemitério...

- E é!

- Agora não estou entendendo mais nada.

- É que, além de não dar conta sozinho... – Girou os dedos para grifar o que dizia. – Pretendo visitar minha família em Abaité. Preciso que alguém cuide do lugar pra mim por alguns dias... Não posso deixar tudo isso aqui para as moscas.

- Entendo! – No fundo até tinha ficado feliz. Então aquela tortura não seria por muitos dias. – É um trabalho temporário!

- Né nada! É fixo! – O homem, que não apresentara o nome até agora, parou e abriu a porta de madeira pintada desleixadamente de branco da casinha e abriu espaço para que o visitante entrasse primeiro. – Mas ficará sozinho por dez dias até eu voltar.

- Dez dias? – Assustou-se Jailton parando e bloqueando a entrada do anfitrião. – Tudo isso?

- Tudo isso? Eu acho é pouco pra visitar minha gente. – O homem o empurrou gentilmente para que ele mesmo pudesse entrar e apontou um sofá velho e já muito esburacado. O cachorro, que os seguia, passou rápido e pulou para um confortável canto do móvel. Já sabia a causa dos rasgos no estofado. – Não liga pra ele, é bonzinho!

- Não ligo não. – Acomodou-se no mesmo sofá, enquanto o barbudo sentava numa poltrona de couro marrom à sua frente e o cachorro o encarava como se Jailton fosse a coisa mais incomum que vira em toda sua vida canina. – Então, a vaga é pra zelador...

- E coveiro se precisar que seja. – O senhor estendeu a mão. – Sou Pablo e cuido daqui a 36 anos. – Jailton a apertou e disse seu próprio nome. Sentia-se constrangido como se tivesse na casa de alguém. E estava de certo modo. Não duvidaria que Pablo dormisse ali mesmo. O lugar se resumia na salinha, no banheiro pequeno e mal tratado e só. Só mesmo. – O lugar não é lá aquelas coisas... – Comentou, notando o olhar crítico do candidato a vaga. – Mas dá pro gasto. Aqui tem um radinho! – Que descansava encima da única mesa da sala que ficava perto da porta. – E lá dentro... – Apontou pra cozinha. – Tem uma geladeira pequena e um fogão de duas bocas caso precise esquentar a marmita. As ferramentas e o resto do material ficam num quatinho lá fora perto da capela...

- Certo, certo... – Coçou a nuca antes de continuar. Não sabia bem por onde começar...
– Mas antes tenho que ter certeza se vou trabalhar aqui...

- Se depender de mim, você já está contratado! – Riu ele. – Não sou eu quem vai pagá-lo, é a prefeitura. Você vai ter que ir lá todo final de mês e pegar seu salário. E preciso de ajuda aqui, não consigo mais dar conta de tudo sozinho...

- E quanto vou receber?

- Um salário ué!

- Um salário? – Esperava mais.

- Não tá bom? – Levantou os braços querendo dizer, ‘seja razoável, o que esperava?’
E riu.

- Está sim! – Emitiu isto quase como um bufar. Fez uma careta, compreensível e suspirou. – Quando começo?

- Quando pode começar?

- Amanhã!

- Ótimo. Mas vou precisar de você só segunda feira bem de manhãzinha...

- Segunda! – Se levantou, ainda era sexta. – Tudo bem, ‘vou estar’ aqui, então...
‘Umás oito horas está bom’?

- Sete, o mais tardar! – Também se levantou. – Preciso te passar todos os procedimentos... Nada muito difícil de entender, mas será bom pra você se acostumar!

- Entendo! – Sorriu, começava a se acostumar com a ideia. – Vai ser de que horas a que horas?

- Vai começar umas sete e meia, mais ou menos, até umas doze horas...

Ufa!! Moleza... Pensou sem conter um riso diabólico.

- Preciso que fique até bem de noitinha por causa da minha ‘saída’...

- De noitinha? Mas não é só até o meio dia?

- Doze horas da noite, meu filho! – Emburrou-se o barbudo mal encarado. – Não quer trabalhar não, é?

Bosta! Quase gritou isso, mas moveu os lábios. Bosta, bosta e mais bosta. Moraria lá, praticamente, num cemitério daqui por diante. Bosta!

- Escuta aqui meu filho... – Começou Pablo o guiando para fora da ‘moradia’. – Se você não quiser, não precisa ficar avexado, ta? Pode falar... Mas você ficará aqui o dia inteiro só até eu voltar... – Bateu em seus ombros magros. – Você vai ver... Não é tão ruim assim. Ninguém vai te amolar o dia inteiro e se começar cedo, antes da hora do almoço já vai ter acabado todas suas obrigações... Na prática, a prefeitura vai te pagar só pra coçar o saco o dia intero, isso não é bom?

- Até que é sim. – Esboçou um sorriso tímido. – Quando você voltar, eu ou o senhor vai ficar com o turno da noite?

- Eu!

- Que bom...! – Desabafou. – Não estou muito acostumado com cemitérios. Acho que é a primeira vez que piso num depois da morte de meu pai.

- Não gosta de cemitério? – Alisou o queixo barbudo e crespo e parou prendendo mais a atenção de sua companhia. Até Tônico, o cachorro, parecia entendê-lo. – Tem medo dos enterrados é?

- Não. Não é isso. – Mentiu descaradamente. – Só um *receiozinho* de nada! – Assinalou a palavra com o polegar e o indicador quase encostados. – Nunca se sabe.

- Se nunca se sabe... O que o senhor sabe que lhe mete medo?

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

